

CONTRA A JORNADA 6 X 1 – NÃO POR DÁDIVA!

*Ricardo Antunes**

Em artigo publicado em agosto de 2025, ao tratar da Inteligência artificial (de)generativa, indiquei, sem desenvolver, seis pontos a favor do fim da jornada 6X1 e nenhum contra. Agora que o tema ressurge com força no centro das discussões, vou indicar seus significados mais essenciais para a humanidade.

Primeiro Ponto: a redução da jornada diária – contra a escala 6x1 – ao longo da história do trabalho, no Brasil e no mundo, se configura como uma das questões mais vitais, desde os primórdios de Revolução Industrial na Inglaterra, quando as jornadas eram ilimitadas, chegando por vezes a 16 horas ou mais, inclusive para mulheres e crianças. Foi através de uma longa batalha pelo controle do tempo de trabalho que a classe trabalhadora, mais de um século depois, conquistou a jornada de 8 horas diárias.

E o fez através de muitas batalhas, em quase todos os cantos do mundo, que se mantem até os dias atuais, a partir da explosão celerada da ciberindústria, dos algoritmos e da Inteligência artificial (de)generativa. Como o capital e o trabalho, desde suas gêneses, travam embates diuturnos pelo controle do tempo de trabalho e de vida, foi através dessa ação coletiva, ao longo da história, que se pode confrontar e se contrapor à exploração ilimitada do trabalho humano.

Segundo ponto: a luta pela redução da jornada ou tempo de trabalho encontra-se no centro das ações do mundo do trabalho contemporâneo, em escala nacional e global, visando a reduzir o desemprego que é consequência da lógica destrutiva do capital e de seu sistema de metabolismo antissocial.

Foi assim que a luta pela redução da jornada de trabalho converteu-se em poderoso antídoto frente ao monumental processo de redução do trabalho vivo, de modo a reduzir o desemprego. Trabalhar menos, para todos/as trabalharem e assim reduzir o desemprego, minimizando o sofrimento do exército sobrando de força de trabalho que se tornou supérfluo e descartável.

Terceiro ponto: se reduzir a jornada ou tempo de trabalho foi um passo importante para a redução do desemprego, tornou-se também substantivamente relevante para se avançar na autodeterminação, no processo de autonomia real do trabalho.

Isto porque, ao lutar pela redução da jornada de trabalho, pode-se indagar e refletir acerca da redução do tempo opressivo existente do espaço laborativo, seja contra o despotismo predominantemente fabril de ontem, seja contra o despotismo invisível dos algorítmicos de nosso tempo, cuja inteligência artificial programadora, também invisível, faz do ritmo e do tempo do capital um biruta tresloucado que avassala o mundo do trabalho, com o olhar certo na monetização e na geração da sua sagrada mais-valia.

*Professor titular de sociologia na Unicamp. Autor, entre outros livros, de *O capitalismo pandêmico* (Boitempo). [<https://amzn.to/3L0RnFO>]. Artigo publicado originalmente no site A Terra é Redonda em 26.03.2026

Quarto ponto: assim, com a eclosão do movimento VAT/Vida além do Trabalho, contra a escala 6x1, foi recuperada uma dimensão crucial que nos leva a refletir e avançar mais decisivamente acerca dos sentidos que presidem nossas vidas no trabalho.

E, ao assim fazer, melhor compreender os mecanismos de funcionamento do controle opressivo do capital, que cada vez mais se converte o trabalho no tempo dos adoecimentos, acidentes, assédios, depressões, burnouts, suicídios.

Dá para entender, então, porque as grandes corporações financeiras (especialmente no sul do mundo) recusam, ao longo da história, tanto a redução da jornada, como os direitos conquistados nas lutas e ações da classe trabalhadora. Debate que vemos se repetir, que hoje não é diferente! Imaginam ser possível sonhar com a eternização dos ilimitados dos privilégios.

Uma indagação central, cuja resposta podemos encontrar embrionariamente em nossa história pré-colonial, nos ajuda a melhor entender esse ponto central: por que as comunidades originárias aqui existentes não se exauriam no labor, trabalhavam somente o necessário para viver? A resposta é cristalina: elas assim atuavam porque almejavam uma vida dotada de sentido, tanto no trabalho, como fora dele, almejando simultaneamente a felicidade, o regozijo e a fruição.

Tudo muito diferente da sociedade colonial aqui instaurada, que nos introduziu a aberração da escravização e, posteriormente, da produção de mercadorias com base na exploração para a acumulação.

Quinto ponto: aqui adentramos em outro aspecto crucial, profundamente articulado com o anterior. Se o objetivo do trabalho (e do sistema de metabolismo humano-social) estiver voltado essencialmente para o bem-estar da humanidade, a vida cheia de sentido fora do trabalho estará umbilicalmente conectada com uma vida dotada de sentido dentro do trabalho.

O que nos leva à uma conclusão áspera: não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e alienado com tempo verdadeiramente livre. Em outras palavras: uma vida desprovida de sentido no trabalho acaba por obliterar e obstar uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a vida fora do trabalho estará maculada pela rudeza do espaço laborativo. É por isso que a desfetichização da sociedade do consumo tem como corolário necessário a desfetichização do mundo do trabalho.

Sexto Ponto: ao chegarmos a este ponto, adentramos, quase sem perceber, em uma dimensão decisiva e que hoje é ainda mais vital, uma vez que diz respeito à sobrevivência da humanidade. Dá para entender porque as corporações recusam essa batalha: na história, inicialmente, as empresas sempre foram contra a redução da jornada; repudiavam os direitos do trabalho e recusavam-se aos aumentos salariais e hoje não é diferente.

Parece, então, verossímil indagar: se vamos trabalhar menos, para vivermos melhor, o que devemos produzir? E para quem? Faz sentido produzir mais energia fóssil? Aumentar ainda mais o aquecimento global, ampliar o extrativismo, as queimadas, gerando mais destruição

ambiental? Produzir mais bombas para o regozijo das grandes corporações da guerra?

Então, uma vez mais, será pela ação e pressão popular que esta questão vital poderá ser efetivamente conquistada. E não por dádiva. Por certo, um pragmático sempre dirá, mas isso é utopia!

Utopos, sim. Mas, nesta era de terror e temor em que adentramos a possibilidade de uma nova guerra mundial, que enseja, uma vez mais, o espectro do fim da humanidade, será também uma completa utopia?